

RIO ("Estado") — Dia a dia tornam-se mais complexos os problemas de educação. Não só os da educação; todos os com que temos que nos haver na existência quotidiana. Os mais corriqueiros atos da vida, que para os nossos avós pareciam coisas naturais e espontaneas são hoje complexos e requerem, para a sua efetuação, a orientação de técnicos especializados, se os pretendermos praticar com eficiencia e proveito.

Comer, por exemplo, é um deles. Antigamente, sentava-se um homem á mesa e comia aquillo de que gostava até satisfazer o apetite. Hoje, cada refeição representa o resultado de complicados calculos para obter o justo equilibrio entre calorías, proteínas, carbo-hidratos, vitaminas e não sei mais o que. Isto quando o individuo está devidamente esclarecido sobre a Ciencia da Nutrição. E quando pode. Porque as mais das vezes a gente tem que comer o que, a preço de muito dinheiro, muita paciência e humilhação, consegue arrancar á ganancia do vendeiro, do açougueiro, do quitandeiro, que não querem saber de proteínas e vitaminas. D. Leocadia que o diga.

Outro exemplo: Casar. Antigamente, era simples. O rapaz gostava da moça; a moça gostava do rapaz. Se ele tinha meios de sustentar familia, casavam-se e dedicavam-se á produção de bebês. Hoje, é preciso atender aos principios da eugenia, tirar ficha-biometrica, submeter-se a exames pré-nupciais, classificar o tipo de sangue, pesquisar a natureza positiva ou negativa dos respectivos Rh, analisar os antecedentes morbiaes das duas familias. Isto sem falar na situação social e nas condições economicas.

E assim por diante. Qualquer que seja o aspecto da vida humana que se olhe, tudo se complicou.

E' o resultado natural do progresso e do artificialismo que nós confundimos com civilização. Note-se bem que não estou condenando o progresso e censurando o artificialismo. Já há outras razões numerosas pelas quais muita gente me considera retrogrado e atrasado. E talvez essa gente não deixe de ter a sua pontinha de razão. Mas agora apenas estou constatando um fato. Reconheço que de todas essas complicações resultam beneficios, vantagens e proveitos. Para os "técnicos" e especialistas, certamente; para o resto da humanidade, possivelmente.

O que, porém, não padece duvida é que sob o antigo e primitivo regime do empirismo baseado na experiencia, a vida era mais simples e os seus problemas se resolviam mais prontamente, embora de forma grosseira. Lá isso, era.

Veja-se, para outro exemplo, o que se dá com a educação dos filhos. Antigamente, os pais tinham a esse respeito idéas positivas. Baseavam-se na experiencia e tradição do passado, fixadas numa rotina empirica que era mais ou menos satisfatoria para os conceitos e necessidades da epoca. Umas palmadas applicadas a proposito, de vez em quando, pitos ou ralhos de severidade graduada; proibições categoricas; elogios e louvores parcos; recompensas muito dosadas. Não se raciocinava nem se discutia com crianças. Mais tarde, quando crescessem, com a experiencia e o desenvolvimento da razão, viriam a compreender naturalmente os motivos das proibições e das ordens que lhes tinham sido dadas autoritariamente. E, por sua vez, applicariam os mesmos metodos e processos aos proprios filhos.

Como se vê, era tudo muito rude e primitivo, quase barbaro diante das noções atuais. O que não impediu, entretanto, que o sistema produzisse homens capazes e integros, com um nitido senso dos deveres e responsabilidades.

Depois vieram as complicações. Os antigos não sabiam nada e os seus processos estavam todos errados. A criança é um ser delicado, de tenra sensibilidade e alta sugestibilidade, que precisa de ser científica e tecnicamente educada, de acordo com os transcendentales ensinamentos de uma sutil psicologia infantil que inventaram de proposito. Os castigos deprimem o carater; as proibições criam inibições; o autoritarismo paterno contribui para a formação de complexos; as ordens imperativas destroem a iniciativa; a negação do raciocinio tolhe o desenvolvimento da intelligencia. E por fim, surgiu Freud com a sua libido afirmada desde a vida fetal. Deus nos acuda!

Os pais, que em geral andam muito ocupados tratando de ganhar o pão de cada dia, não tinham nem tempo nem conhecimentos suficientes para estudar todas as complexas ciencias e os consequentes processos técnicos que os habilitassem a bem educar os filhos segundo as modernas noções. Mas, por outro lado, doia-lhes a consciencia á idéa de criarem seres imperfeitos e mal afambrados, cheios de complexos, inibições e frustrações. Ficaram tontos e atrapalhados. Nem era para menos.

Uns, mais conscienciosos, tentaram aprender pela rama, do melhor jeito que pudessem, em leituras de onibus e de bonde, os principios da novel psicologia infantil para applicá-los á criação dos proprios rebentos. Viam-se na situação de individuos que, sem saber a tabuada, quisessem resolver problemas de Mecanica Racional. Outros, mais praticos, decidiram que o certo era deixar que a criança se desenvolvesse espontaneamente, ao sabor dos seus instintos e aptidões naturais, sem contrariá-la. O que era, aliás, muito comodo.

Um e outro procedimento conduziram a resultados identicos: a essa geração de criaturas malcriadas, caprichosas, desequilibradas, petulantes e antipaticas de que encontramos numerosas e lamentaveis amostras em meio da juventude de nossos dias.

Duas reações se impunham. Em sentidos opostos naturalmente. E ambas já estão sendo postas em pratica, segundo leio em revistas recentes.

Nos Estados Unidos, certa Senhora Buckley, da California, qualificando de "bobagens" (o termo é dela) todas as modernas noções sobre as crianças, resolveu fundar uma escola para ministrar educação á moda antiga, baseada nas obsoletas noções de ordem, disciplina e boas maneiras. Só conseguiu, para inaugurar a sua escolinha, oito alunos que lhe foram confiados por pais meio desconfiados, mas que consentiram em tentar a experiencia. Hoje, Isabelle Buckley, considerada uma das educadoras mais efficientes do Oeste dos Estados Unidos, dirige três escolas para cuja matricula há filas de candidatos á espera de vaga. As crianças ontram com dois anos (escola maternal), passam ao jardim da infancia e completam o curso primario. O curso é o de menos; o importante é que saem crianças calmas, bem educadas, sabendo o que lhes foi ensinado, aptas a viver num mundo civilizado.

A outra reação manifesta-se na Suíça, sempre vanguardeira em materia de educação. Não fosse ela a patria de Pestalozzi. Com o seu natural bom-senso e invejavel equilibrio, compreenderam os suíços que os problemas da educação precisam de ser atacados nas suas raízes. E' necessario acudir á desorientação dos pais para que estes, possam contribuir eficazmente para a educação dos filhos.

E foi assim que, há cerca de um ano, se inaugurou em Genebra a primeira escola de pais. E' uma iniciativa da maxima oportunidade e á alta frequencia logo atingida nos dois cursos mantidos pela nova escola demonstra que ela veio responder a uma necessidade fundamental sentida. E' verdade que os suíços são gente ajulzada.

Esperemos que com o amadurecimento da idéa e com o nosso espirito de imitação, em tempo habil, daqui a uns cem anos talvez, também venhamos a ter, no Brasil, escolas para pais (incluindo, naturalmente, as mães). Olhem lá que são bem necessarias. Não lhes parece?